

---

## PROFESSORA MARIA JOSÉ GARCIA WEREBE IN MEMORIAM

---

Para homenagear a Professora Maria José Garcia Werebe, os *Cadernos de Pesquisa* arrolaram uma série de dados e depoimentos de pessoas que com ela conviveram e que dão uma mostra da dimensão profissional e humana dessa grande educadora, falecida em 18 de setembro de 2006, em Paris.

Nascida em Franca, no interior de São Paulo, em 1925, formou-se professora pela escola normal da cidade, tendo ganho a cadeira prêmio. Como não pode ser efetivada na escola pública estadual por não ter ainda 18 anos, foi convidada a trabalhar no Serviço Social de Menores, na capital. Em 1943 ingressa no Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo – USP – e, logo após concluí-lo, é convidada pelo Professor José Querino Ribeiro para ser sua assistente na faculdade. Em 1949 obtém uma bolsa de estudos para a França, onde aprofunda sua formação no Laboratório de Psicobiologia da Infância, criado por Henri Wallon.

Retornando ao Brasil em 1952 é aprovada como livre-docente pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, com um trabalho sobre o projeto Langevin-Wallon de reforma do ensino francês, e leciona no curso de Pedagogia até 1969. Teve participação ativa na campanha em defesa da escola pública e na criação do Colégio de Aplicação da USP em 1957, onde os estudantes de licenciatura passaram a fazer os estágios. Prestou valiosa contribuição às experiências pedagógicas inovadoras aí empreendidas e, sob sua responsabilidade, o Setor de Orientação Educacional do Curso de Pedagogia se ampliou, assim como o Curso de Especialização na área obteve grande reconhecimento.

A atitude combativa em defesa dos valores democráticos no período da ditadura militar, cujo regime não poupou o Colégio de Aplicação, custou-lhe a perseguição política que a levou a deixar o Brasil com a família para radicar-se na França. Nesse país trabalhou sob a direção de René Zazzo, tendo sido con-

tratada como pesquisadora do Centre National de la Recherche Scientifique – CNRS –, onde permaneceu como tal até se aposentar, em 1990.

A convite da Unesco, da qual passou a ser colaboradora, chefiou várias missões de intervenção em educação sexual e familiar em países africanos: Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Senegal, e desenvolveu projetos de consultoria para o Fundo das Nações Unidas para Atividades de População – FNUAP –, bem como para o Benin, Ilhas Seychelles e Burundi.

Informação mais completa sobre a professora pode ser obtida no livro *Educadores brasileiros do século XX*, v. I, organizado por Walter Garcia e publicado pela Editora Plano de Brasília, em 2002.

## **WALTER ESTEVES GARCIA**

### **E lá se foi nossa Mariinha...**

No final dos anos 50 e início da década de 60, estudantes de Pedagogia da USP, ainda sediados na rua Maria Antonia, tinham grandes desafios pela frente. Um deles era lutar contra o substitutivo Carlos Lacerda – que defendia o direito do Estado de subsidiar as famílias para que pusessem os filhos nas escolas que bem desejassem – com engajamento na campanha estadual de defesa da escola pública. Além disso, havia que participar intensamente da vida estudantil alimentando as discussões acaloradas que se faziam no Grêmio da Faculdade em defesa da reforma universitária, bem como definir como os alunos iriam terminar o curso, tendo em vista a inserção profissional futura. O Centro de Estudos Roldão Lopes de Barros, “centrinho” dos estudantes da Pedagogia, do qual participei intensamente nesse período, envolveu-se em todas as grandes questões dessa época e uma das nossas referências permanentes para consulta e apoio foi Maria José Garcia Werebe. O “Roldão” sempre esteve presente nas sessões de cinema que ela nos incentivava a freqüentar no cine Coral, à rua Sete de Abril, e nos debates que promovia nas disciplinas de Orientação Educacional.

Como no último ano do Curso de Pedagogia os estudantes podiam escolher disciplinas para completar os créditos, muitos, como eu, não tinham dúvidas. Fazíamos o curso de Orientação Educacional. Líamos e discutíamos

em seminários autores como Kafka, Makarenko, Sartre, para só mencionar alguns deles. Werebe me confessaria, anos depois, que a disputa acadêmica interna, acirrada pelo fato de que mais de 70% dos estudantes optavam pelos cursos por ela oferecidos, acabaria por criar a incompatibilidade que, durante o regime militar, em 1968, fez com que fosse declarada *persona non grata* da área de Educação da USP. Não quero reabrir feridas, pois ainda espero que algum dia a USP se redima dessa injustiça que, infelizmente, não teve a grandeza de resgatar perante a sua própria história.

Neste momento vale a pena lembrar da grande obra que Werebe deixou como exemplo de educadora sagaz, estimuladora de potencialidades adormecidas e de profunda integridade moral. Tive o privilégio de ter sido convidado a trabalhar com ela, logo que me formei, juntamente com Fanny Abramovich e Ligia Todescan. Nossas reuniões de trabalho eram momentos de trocas que certamente não esqueceremos jamais.

A saída de Werebe da USP representou a mudança de rumo para toda uma geração que vinha sendo formada nos ideais de escola pública para todos e de construção de uma nova cidadania. O grupo que gravitava em torno dela se dispersou por várias instituições e felizmente encontrou forças para seguir lutando pelos ideais que ela ajudou a construir. Neste momento só me resta dizer, mais uma vez, obrigado... Mariinha.

## **CARMEN BARROSO**

Mariinha Werebe foi mais que uma intelectual de destaque e uma professora exemplar. Para mim, ela foi um modelo de integridade, de compromisso com as causas sociais e, importante também, de bem viver. No começo dos anos 60, quando cheguei ao Curso de Pedagogia da USP, ela e sua equipe eram a maior fonte de inspiração para os jovens idealistas que buscavam a faculdade, querendo se preparar para a criação de um novo Brasil, onde reinasse a justiça e a liberdade de pensamento. Não vou me deter nesta fase, que tantos conhecem tão bem. Basta dizer, como dizem os mexicanos de alguém que muito admiram, que era ela um sol!

Exilada em Paris, soube tirar o máximo proveito de uma situação que muitos só souberam deplorar. Pesquisadora do CNRS, sempre manteve seu

interesse pelo Brasil, procurando contribuir para aumentar suas grandezas e dirimir suas misérias, para emprestar os termos tão eloqüentes de seu livro mais festejado e que tanta influência teve no Brasil. No meio de uma esquerda economicista, resistiu às modas intelectuais, persistindo fiel a seu interesse pela sexualidade e pela educação sexual. Consultora destacada da Unesco, levou idéias inovadoras a vários países da África, onde também abriu as portas para que nós, suas discípulas, continuássemos seu trabalho criativo. Praticante devota do bem-viver e cozinheira de mão-cheia, publicou em francês um erudito livro de culinária brasileira, repartindo com outros os segredos culinários com que deliciava amigos em seu lindo apartamento na Rue des Grands Degrées.

Foi uma das pessoas que mais marcaram minha vida. Ensinou-me muitas coisas, sobretudo a ter coragem e independência, e a dedicar-me a uma causa com paixão. Derli e eu tivemos o privilégio de hospedá-la, junto com Samuel, em nosso apartamento em Chicago. Divertimo-nos muito, até quando éramos alvo do humor mordaz do Samuel, que tentamos imitar sem muito sucesso. Guardamos na memória aqueles momentos como algo precioso, entre as suas muitas dádivas.

## HELENA HIRATA

Maria José Garcia Werebe foi professora livre-docente do Curso de Pedagogia da Universidade de São Paulo. Perseguida no período da ditadura militar no Brasil, escolheu morar na França, onde pesquisou sobre educação sexual na escola, na qualidade de pesquisadora do Centre National de Recherches Scientifiques, entre 1972 e 1990. Realizou missões de trabalho para a Unesco e para o FNUAP em numerosos países da África e da América Latina, como perita em sexualidade e planejamento familiar. É autora de uma obra clássica sobre a educação no Brasil: *Grandezas e misérias do ensino no Brasil*, publicada pela Difel em 1963, já 5ª edição em 1986. Em 1994 a Ática volta a publicar o texto, agora com dados atualizados, com o título *Trinta anos depois: grandezas e misérias do ensino no Brasil*.

Seu último livro, *Pouvoir, politique, religion et sexualité*, no prelo, constitui uma análise em profundidade das perspectivas normativas das três grandes religiões monoteístas – o judaísmo, o cristianismo e o islamismo – sobre o

papel das mulheres, do casamento, da sexualidade e da família. Ele dá continuidade aos principais eixos de pesquisa da obra da autora, desenvolvidos principalmente em *L'éducation sexuelle à l'école*, publicado pela Presses Universitaires de France em 1977, e *Sexualidade, política e educação*, Campinas, Autores Associados, 1998.

Nessa obra póstuma, o exame das relações entre as três religiões permite melhor compreender as regras por elas enunciadas e suas implicações para as práticas sexuais e a organização social, com destaque para a organização da família contemporânea. A sexualidade humana tem seu fundamento na aprendizagem, na transmissão do saber: aprender o proibido e o permitido, o preço do prazer, as regras relativas aos contatos sexuais na sociedade. Da diversidade dessas aprendizagens e desses saberes, da diversidade histórica e cultural derivam configurações contrastadas que são analisadas na dimensão das crenças e das práticas do universo da religião.

A apresentação em perspectiva histórica das três religiões permite responder à indagação sobre se a política pode determinar uma moral sexual, demonstrando que transformações políticas e sociais contribuíram para avanços importantes em matéria de sexualidade apesar das proibições religiosas.

Para a família e para os amigos que não esquecerão sua alegria, convivialidade e seus dons de grande cozinheira, deixa a herança de suas receitas brasileiras mais apreciadas em um livro, escrito em colaboração com a amiga Clelia Pisa, *Cuisine brésilienne en France*, editado por Actes Sud em 2003.

## **RICARDO ABRAMOVAY**

Eram muito especiais e particulares as condições que fizeram do Colégio de Aplicação da Faculdade de Filosofia da USP, nos anos 1960, mais que uma boa escola, um pólo de aglutinação cultural da juventude, um centro de agitação política e uma referência inesquecível para toda uma geração. Ali se reuniam filhos de uma burguesia esclarecida, de intelectuais, mas também jovens de famílias de baixa classe média que, juntos, foram colocados em contato com o que o conhecimento tem de mais apaixonante, tanto nas ciências como nas humanidades.

As vidas desses jovens foram marcadas de forma definitiva por essa escola que soube educar valorizando a paixão pelo conhecimento clássico e con-

temporâneo, juntando nisso encantamento e rigor. Uma lição universal, cuja atualidade não podia ser maior, num momento em que – no mundo todo – a sociedade pergunta com apreensão qual o sentido do que se ensina aos jovens e qual a viabilidade do tipo de organização dedicada a esta tarefa. A marca do Aplicação em nossas vidas é um primeiro motivo pelo qual minha geração e todos os que vivemos aquela experiência extraordinária somos gratos a Mariinha Werebe.

Foi do Aplicação que saí, no final de 1969, para um exílio de quatro anos e meio em Paris, onde conheci pessoalmente Mariinha, na qualidade de mãe de minhas colegas e amigas Irene e Vera. E esta convivência me dá o privilégio de exprimir mais dois motivos de gratidão.

Mariinha foi minha primeira caipira, numa extirpe que, posteriormente, vim a reconhecer em Douglas Teixeira Monteiro e José de Souza Martins. Sua capacidade de ilustrar as idéias com casos deliciosos, que sempre traziam à tona raízes profundamente brasileiras, era impressionante. Mariinha gostava de violão – eu também gosto – e foi ela que me ensinou “a lua girou, girou, traçou no céu um compasso” muito antes que fosse gravada por Milton Nascimento. Ela me passou também a lição que lhe deu sua amiga Inezita Barroso: não guarde o violão dentro da caixa, senão mofa. Um conselho de mãe, de amiga ou uma paródia? Certamente a mistura das três coisas. Mariinha foi a primeira a me apresentar ao “desafio”, este gênero musical praticado pelos que têm o dom da palavra.

Quando fomos aprovados no Baccalauréat (Lia Zatz – outra egressa do Aplicação – Vera e eu), Mariinha fez uma comemoração em sua casa, à qual dois professores de Filosofia estavam convidados, e a festa acabou se transformando num “desafio” em francês, português e “filosofês” que, mais uma vez, nos trazia para o que o Brasil tem de melhor. Quando a família Werebe, talvez conformada de que o exílio seria longo, comprou um imóvel e mudou-se para o Quartier Latin, lá por 1972, Mariinha organizou outra festa inesquecível que foi até o raiar do dia e onde brasileiros e franceses foram apresentados ao disco da Mocidade Independente de Padre Miguel.

Mas a festa de Mariinha ia além de música e palavra. Meu outro motivo de gratidão é também brasileiro. Cozinheira de mão-cheia, a penúltima obra de Mariinha (*Cuisine brésilienne en France*, Actes Sud, em co-autoria com sua grande amiga Clelia Pisa) é baseada naquilo que ela própria viveu: a aventura

de descobrir nossos ingredientes, temperos e até os nomes do que comemos nas barracas dos feirantes vietnamitas e marroquinos que festejavam, presenteando a freguesa por resgatar as raízes de cada um, neste cosmopolitismo de identidades alimentares locais comuns. Os jantares na casa de Mariinha e Samuel são inesquecíveis pelo gosto, pelo aroma e pelas histórias que os alimentos traziam, às vezes de longe, às vezes do mercado ao lado.

Liberdade, graça, humor, leveza, são os termos que me vêm ao espírito quando penso nesta figura tão importante em minha formação – indiretamente, por meio do Colégio de Aplicação – e tão marcante em minha vida pessoal, tanto nos anos de juventude que passei em Paris, como em outras ocasiões em que lá estive. Há pouco tempo, numa estada de alguns meses na cidade, liguei para Mariinha e ela logo foi avisando: desculpe, mas não posso mais fazer um jantar para vocês. Mas os outros banquetes, de casos deliciosos e bem-humorados, nos foram servidos até o final e, para mim, ficam para sempre.

## **VERA WEREBE**

Minha mãe era alguém. Minha mãe era alegre, minha mãe era forte, teimosa, muito teimosa. Minha mãe era bonita, ela era o centro de tudo.

Quando eu era pequena eu a via em toda parte. Era alguém importante. Escrevia artigos, fazia discursos, aparecia na televisão, eu ficava muito orgulhosa.

Minha mãe tinha muitos amigos, muitos mesmo. A casa estava sempre cheia de gente. Ela cozinhava tão bem. Seus pratos eram famosos. Eu ficava tão orgulhosa...

E então ela pegava o violão e cantava. Ela cantava muito bem. Ela era mais uma vez o centro do mundo. Ria, contava piadas e dançava. E eu a admirava tanto...

Minha mãe era uma revolucionária. Era meu Che Guevara particular. Por causa dela tive que fugir do Brasil. Era triste, mas apesar disso era importante ser perseguida pela junta militar. Eu me orgulhava de ter de me exilar porque tinha o nome dela.

Depois chegamos na França. Não era pouco para um brasileiro. O país da Revolução Francesa, de Piaf e de Montand, o país de Sartre e de Simone de

Beauvoir. E aí também minha mãe era alguém. Eu a via falando tão bem essa língua estrangeira, conhecendo tanta gente! Aqui também minha mãe não era qualquer pessoa. Eu me orgulhava.

Então vieram o CNRS, mais livros e todas as viagens com meu pai pelo mundo inteiro, suas missões pela Unesco para tantos lugares. Minha mãe era mesmo alguém.

Um dia, pouco a pouco, minha mãe começou a adoecer. Cada vez mais doente. Com os anos, sua vida encolheu. Saía menos, eles viajavam menos. Minha mãe continuava sempre teimosa, sempre revolucionária, sempre bonita e se tornava cada vez mais minha mãe.

Sempre fui próxima de meus pais, mas tinha uma ligação especial com minha mãe. Eu a admirava tanto, porque minha mãe era alguém!